

# 1. Introdução

A teologia de Karl Barth (1886-1968) passou por várias etapas até chegar ao conceito da plena humanidade de Deus em Jesus Cristo. Essa perspectiva da plenificação só se concretizou na maturidade dos anos de 1950. Não que antes não confirmasse a humanidade. É que, sendo a teologia uma reflexão a partir de uma “situação” (Tillich), seu contexto conduziu a questionar o criticismo da teologia liberal que havia dessacralizado a fé cristã a partir da tentativa de explicar a revelação com base na pesquisa histórica. O uso e o abuso do método histórico-crítico, o criticismo literário radical, a rejeição da inspiração da Bíblia e a autonomia da razão que assumia a função de critério último para o estabelecimento da verdade, levou Barth a centrar suas armas contra essa forma de fazer teologia.

Neste trabalho pretende-se rever esses inícios. Não nos encontramos diante de um Barth, mas de três: o Barth pré-dialético; o Barth dialético e o Barth da analogia da fé. Por isso os juízos precisam ser distintos. Ainda que se pretenda chegar a este último, é preciso percorrer os caminhos tortuosos da reflexão teológica do início do século XIX e XX à luz de toda a teologia desenvolvida desde Lutero, Calvino e Schleiermacher.

No primeiro capítulo são apresentados os antecedentes da teologia dos séculos XIX e XX a partir dos textos de Lutero e Calvino, passando pela Ortodoxia, também chamada de Escolástica Protestante, época da sistematização das doutrinas reformadas com a reação do Pietismo que buscava resgatar a dimensão subjetiva da fé. A partir do século XVII e XVIII, com a filosofia de Espinoza e principalmente Kant, a razão foi progressivamente conduzida a um estado de autonomia. A teologia

recebeu enorme influência dessa nova forma de pensar. Schleiermacher, um verdadeiro divisor de águas, cria uma época e faz surgir a teologia moderna. Sob a influência de Kant afirma nossa incapacidade de falar de Deus. A experiência cristã é um sentimento de dependência absoluta de Deus. O capítulo termina com a ruptura de Barth com a teologia do liberalismo, suas decepções, pastoreio e leitura de Lutero que o conduziram a um retorno às Escrituras, já sinalizado por Adolf Schlatter mas que coube a Barth a reorientação da teologia a partir de seu *Der Römerbrief*. É uma fase de intensa luta, prática cristã, vivendo o socialismo cristão que se tornará uma forte opção da época, dada a decepção com os sistemas capitalistas. Em Safenwill ele pode praticar o Evangelho de Jesus Cristo ao repartir a Mesa com seus paroquianos, empregados/as têxteis, explorados/as e marginalizados/as. Com seu amigo Eduard Thurneysen, pastor em uma comunidade próxima, iniciou um processo de aproximação do texto a partir da realidade.

No segundo capítulo a ênfase recai sobre o trabalho teológico de Barth. Para ele a teologia é uma tarefa da Igreja e para a Igreja. Não é um trabalho de especialista mas de pessoas que vivem a experiência de fé em suas comunidades. É no âmbito da Igreja que Deus fala à comunidade. Esta comunicação se dá por meio da livre decisão de Deus de se revelar. A Revelação vem a nosso encontro por meio da Escritura, da Proclamação do Evangelho e da Pessoa de Cristo. Barth afirma que não sabemos falar de Deus. Diante dele devíamos silenciar. É a teologia apofática. O sagrado é o mistério. Deus é o *Totaliter Aliter*. No entanto seu desenvolvimento teológico a partir do *Fides Quaerens Intellectum* estabeleceu o Ponto de Contato entre o Eterno e o Temporal. Jesus Cristo, o Deus-Homem, vem ao nosso encontro e em sua humanidade nos ensina a orar e a falar com Deus.

No terceiro capítulo é apresentado o resultado da teologia a serviço da Igreja. Ela conduz o povo de Deus a exercer plenamente suas potencialidades, como comunidade dinâmica, prestadora de serviço e disposta a agir e intervir nas situações cotidianas de cada pessoa mas também com gestos e ações nas situações limites da existência, quando se torna necessária a denúncia do pecado e da injustiça. Por meio

da proclamação da Palavra, da ministração dos sacramentos, o Evangelho se torna importante fator de mudanças concretas na sociedade civil, na política, na economia e na ordem do Estado. O Deus da Bíblia retratado na *Church Dogmatics* é o Deus que luta ao lado dos oprimidos e destrói o causador da injustiça. Barth, em um dos momentos cruciais de sua vida, foi criticado por levar o Evangelho as últimas conseqüências ao denunciar a necessidade de se distinguir entre o Estado Legítimo e o Ilegítimo. Afirma que é preciso não só denunciar mas enfrentá-lo. Isto o conduziu a se tornar uma voz profética desde a Basiléia.

Em Barth parte-se da prática que conduz à teoria e esta, por sua vez, a uma nova prática. O teólogo eclesialístico aprende seu ofício não na Academia mas na vivência da sua fé. Suspeita-se que aqui haja uma forte influência do Pietismo. Se assim é, é certo que ele foi além da atitude subjetiva dos pietistas, pois, a exemplo de Bonhoeffer não imaginava uma fé cristã dissociada da sociedade. Foi o primeiro a falar de um cristianismo sem religião mas não sem a vivência comunitária.

Para chegar a esse Barth, a pesquisa se centra nos seus principais textos desde *Der Römerbrief*, texto revolucionário, *Fides Quaerens Intellectum*, sua inacabada *Church Dogmatics*, *A Humanidade de Deus*, texto fundamental para o pensamento barthiano, uma obra pequena em volume mas grande em seu conteúdo. Utiliza-se tanto do texto em português como de uma edição americana (*The Humanity of God*) com um ensaio introdutório do próprio Barth com o título “Evangelical Theology in the 19th Century”. Por dificuldades na utilização dos textos originais serão utilizadas edições dos textos de Barth em inglês, francês, espanhol e português. Algumas obras secundárias terão destaque como os textos de Eberhard Busch, e os católicos Hans Küng, Hans Urs von Balthazar e Henri Bouillard.

A teologia de Barth abre caminho para uma revisão de toda a prática eclesial do século XX. Mostra, ao mesmo tempo, que sua teologia continua sendo muito atual. Em 1919 dizia: “Não posso deixar de ser socialista. Jesus é o movimento operário, o movimento dos sem-terra, o movimento dos pobres da terra.” Essa é uma

palavra profética para a teologia que se desenvolveria a partir dos anos de 1960 nas periferias do mundo. É o próprio grito da Igreja na América Latina. É esse teólogo, vivo e ativo que se pretende resgatar. Sua teologia, ao que parece, continua sendo a fonte que anima a Igreja em sua peregrinação. Longe de ser um teólogo enclausurado, movimenta-se em todas as esferas da experiência vivificante da Igreja de Jesus Cristo.